

# Peregrinação e santuário, espaços de misericórdia<sup>1</sup>

JOSÉ DA SILVA LIMA

## 1. Zacarias entrava no «santuário»

Pisava o espaço mais sagrado, em que alguém podia sentir o solo, «santo dos santos». Não se retirava o «véu», pertencia a Deus aquela esfera que os humanos seguiam com adoração. Reinava o silêncio. Cheirava o odor do incenso e, ali, estava a «arca da história», da «aliança», da «separação», que fazia parar a voz e adorar no coração. Os sentidos voavam ou ficavam fora. Era do interior do sagrado que o «sumo sacerdote» saía mudo. Um espaço outro, o do outro lado, só podia transformar quem nele penetrava.

Tudo sem alteração. Estava ali a «Glória de Deus» que irradiava por toda a parte, mas que ninguém confiscava; estava ali «a presença» peregrina que entregava uma terra de leite e mel; estava ali a realidade, suspensa de cima, sem nome adivinhado, mas apenas «revelado». Fizera maravilhas e estava ali. O separado é maravilhoso. Não sem alternativas de mistura. «Entrou no santuário», segundo o costume sacerdotal que lhe pertencia no seu turno, logo de

---

<sup>1</sup> Esta reflexão foi proferida no V Congrès Européen des Pèlerinages et Sanctuaires, Lourdes, Setembro de 2007, em língua francesa. A versão francesa está publicada em *People on the Move*, sup. 107 (August 2008), revista do Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Pessoas em Deslocação, sob o título »Pèlerinages et Sanctuaires, espaces de miséricorde», 39-51.

manhã ou de tarde. Renovou as brasas e as aromas do «altar do incenso, altar de ouro, no Santo dos Santos»<sup>2</sup>.

O povo quedava de fora em oração, à hora do incenso. A Glória de Deus não tem limites, mas também não tem costumes. Cercam-na os anjos, que em multidões a adoram sem cessar. Mas a Glória de Deus tem surpresas, quebras nos usos e nos rituais e nem por isso os aromas do incenso deixaram de se fazer sentir. A surpresa daquele dia foi a da demora, já que o anjo falou da morada de Deus. Apareceu-lhe à direita do altar do incenso<sup>3</sup>. Apareceu porque estava ali e o sumo sacerdote ficou arrebatado de temor e de perturbação.

Ouviu, então, a voz da promessa. Tudo se passará como o Senhor decidiu, pois nem a velhice nem a idade avançada, nem a infecundidade serão obstáculos. Daquele santuário fala o Senhor do Universo, o Senhor de todas as coisas, a presença de todas as graças, que a Isabel e a Zacarias oferecerá João, «o Senhor faz graça», como o nome indica. Assim, não será como os outros, mas uma exceção para a nova aliança: grande diante do Senhor, sem vinho nem bebida alcoólica, mas cheio do Espírito Santo desde o ventre da mãe<sup>4</sup>. Será o guia de muitos filhos. Irá à frente e herdará do poder de Elias «para fazer voltar os corações dos pais aos seus filhos e os rebeldes à sabedoria dos justos». «Não temas», porque o Senhor «faz-te graça», regozijo e júbilo, para ti e para muitos. E, diante da graça, ficas mudo de admiração e de espanto, não abrirás a boca para que a «graça» seja surpresa. E quando disseres quem é, saberão que não vem da linhagem, mas vem exclusivamente de Deus. Não virá na lógica das gerações nem da história, mas virá na linhagem nova de Deus, do Seu amor e da Sua dádiva.

A tua mudez criará expectativa em todo o povo e a demora será apreciada como a causa para o início de uma nova criação. Quando Deus intervém, suspendem-se as horas e o tempo ritual passa ao verdadeiro tempo favorável. O povo esperará do lado de fora, porque a «graça dada» é sempre surpresa.

A visão acontecera, compreendera o povo já na expectativa e a rotina dos ritos tinha sido transformada em sinais novos de um *mudo* que tanto demorara na morada do santuário. Não falava porque Deus, a Sua Glória, lhe preencherá a voz de um canto, e acenava com gestos como novo Moisés de mão levantada a conduzir por outro caminho. Tinha sido ali, no santuário, que o Povo recebera

---

<sup>2</sup> Cf. Nota 9 da *Nova Bíblia para o Terceiro Milénio* (Lc 1,9).

<sup>3</sup> Cf. Lc 1, 11.

<sup>4</sup> Cf. Lc 1,15.

um novo rumo e também dali, sem voz humana mas com mensagem divina, abria-se um novo rumo para o santuário: «Fui enviado, eu, Gabriel, para te falar e anunciar esta Boa Nova»<sup>5</sup>. Que contradição aparente: «ficar mudo» para que o que vai acontecer fale! Será o filho de um mudo que irá preparar os caminhos. O que vem é graça, o que vem é novo, o que Deus oferece não repete, mas fá-lo surgir do silêncio de uma dádiva. Não é necessário falar, mas aceitar; não é necessário fazer, mas receber.

E os dias passaram, os da travessia do deserto da infertilidade. A graça só chega do «santuário» para quem lá vai. Basta lá entrar e deixar-se surpreender. Que suba o aroma do incenso e que desça a voz inconfundível do anjo e, então, no silêncio, é criado um mundo novo que só Deus sabe dar, que só o Santo pode oferecer. É assim que, ao sexto mês, já a Palavra era fecunda e já a carne humana de Isabel falava da graça, embora o visionário permanecesse no silêncio de contemplação. Tudo vinha do outro lado, mas a obra nova tomava corpo, Deus fazia a graça na gestação de Isabel. A obra nova «saltita» na presença do autor e o encontro das mulheres, narrativa de Lucas<sup>6</sup>, é o encontro do Santo com o da misericórdia, o encontro do Autor com a abertura da obra: «Feliz de ti que acreditaste». Este primeiro dia não é tanto o das palavras, mas mais o do vislumbre, não é tanto o dos poemas, mas mais o da dança de uma nova realidade: dança pela serra acima, dança no ventre de Isabel, onde o Criador da fecundidade (em Maria) dá a mão à voz de quem brada no deserto (João, em Isabel). Ali é acontecimento. Passou-se a semana, e, no novo primeiro dia, já no oitavo (no pleno cumprimento do estipulado na Lei), soltou-se a voz da boa nova para escrever «o seu nome é João» e logo a seguir a boca se abriu. Como a pedra do sepulcro rolou, ali as cordas concertaram-se para cantar o novo cântico e a boca falou para bendizer, «cheio do Espírito Santo»:

«Bendito seja o Senhor, Deus de Israel  
que visitou e redimiu o seu povo...  
Deu-nos um salvador poderoso...  
Conforme prometeu...  
Para mostrar a *Sua misericórdia* a favor de nossos pais,  
Recordando a sua sagrada aliança...  
Graças ao coração *misericordioso* do nosso Deus  
Que das alturas nos visita como Sol nascente..»<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> Cf. Lc 1, 19.

<sup>6</sup> Cfr. Lc 1, 39-45.

<sup>7</sup> Cf. Lc 1, 67-80.

Zacarias abriu a boca para dizer «misericórdia», não no sentido de bater no peito ou de fustigar o corpo por indulgência. «Misericórdia» no sentido da «dádiva», da «graça», de «João» porque «o Senhor faz graça». «Misericórdia» no sentido do coração aberto do nosso Deus, tal como a mãe abre as suas entranhas ao dar um filho. «Misericórdia» no sentido da porta aberta de Deus para o que parecia impossível, para a metamorfose da infertilidade, para a transformação de um ventre vazio em ventre repleto de vida. Terminou o silêncio porque a vida canta vitória; terminou o infortúnio da infertilidade, porque Deus faz graça, terminou o desarranjo social de não ser como outros (mesmo na velhice), porque a criação vem de Deus e o jardim social sempre Lhe pertenceu. Trata-se da última figura da Páscoa.

Há neste oitavo dia uma palavra similar à confissão solene de Tomé na oitava da Páscoa: «Meu Senhor e Meu Deus» / «Deus mostrou a Sua misericórdia». São profissões correspondentes, de um mundo novo que se abre, graças ao acontecimento do Santuário: no Cenáculo, com Tomé; no Templo de Jerusalém com Zacarias. Há também um acontecimento paralelo: nasce o precursor de um ventre seco, como nasce o homem novo do sepulcro cavado na rocha. A graça a partir da superabundância de Deus no nada do humano que emudece. A graça que tem outro nome, «a misericórdia». Em Zacarias ateou-se o lume do incenso e nasceu a voz do deserto; na Páscoa, ofereceu-se o braseiro do Espírito e incendiou-se o mundo com a «riqueza da misericórdia». O coração misericordioso de Deus visitou das alturas a casa de uma encosta em Ain-Karim como Sol nascente que iluminaria a Palestina; da porta aberta do sepulcro, o Sol entrou em todas as aldeias, «fazendo arder o coração quando no caminho Ele nos fala das Escrituras»<sup>8</sup>. O espanto de Zacarias faz saltar Isabel e cria nela um transtorno local; a estupefação dos discípulos faz saltar o mundo e cria nele uma interrogação imorredoura. Da encosta de Ain-Karim sai profecia, misericórdia em desenvolvimento e do sepulcro do Calvário, agrilhado o sacrifício antigo, estende-se o altar da preferência da misericórdia.

## **2. O santuário estava agora em Nazaré**

Era importante, por ali ser corredor de todos os povos. Jerusalém era longe. Ali seria a vida mais facilitada. Casas e casas, muito iguais, sem grande opulência, nem ouro, nem muralhas. Poucas marcas do sagrado, apenas os passos humanos que serpenteavam caminhos e, aqui e ali, o desejo de mais, de

---

<sup>8</sup> Cf. Lc 24, 32.

uma liberdade mais forte, de um controlo austero e estrangeiro menos rude, de alguém que viesse, que visitasse aquela terra, para fazer dela um espaço de doçura e de maternidade, um espaço de aconchego e de bem-estar, um corredor de saudação e de saúde, uma terra de «leite e mel». Não faltava a água nem a verdura; vivia-se do lago onde brincavam os peixes e convivia-se com os animais que davam algum alimento pastando nos valados e nos prados verdes. Não se vivia na abundância, mas da terra, do lago, das trocas comerciais e de um coração cheio de expectativa. «Há-de voltar o Senhor e a terra será nossa». «Brotará um rebento de Jessé e o seu ceptro guiar-nos-á». «Uma jovem está grávida e vai dar à luz um filho (...), o Emanuel»<sup>9</sup>. A expectativa era profunda, porque de tempo de míngua e não de fartura. Brotava do movimento do quotidiano e deixava que o inesperado assaltasse a casa.

Assim aconteceu naquela manhã e naquela casa modesta foi gravada para sempre a placa indicadora do santuário. Jerusalém estava mais perto; a arca tinha voado para ali, sem destruição, sem guerra, sem assalto. A «glória de Deus» habitava o povoado na singela moradia onde o coração de Myriam abrasava de desejo. Ninguém sabia e ninguém o disse, não se fez constar, mas era agora ali, por instantes, que estava instalada a arca nova no «santo dos santos». E o mesmo anjo falou no silêncio do desejo. E a mesma voz rebentou as entranhas de um ventre imaculado. Do poço daquela misericórdia brotou a nova criação. Era exactamente ao «sexto mês» do outro santuário que tinha ficado mudo. Percebe-se agora: era no silêncio do sacerdote e na contemplação do dom de João da parte do Senhor, como era na expectativa de Isabel e na esperança do que virá a acontecer, que o Sol faz germinar o ventre de Maria e que na jovem vai pulular a Primavera do mundo. Estava ali a «graça», «a cheia de graça», donde por antecipação o dom foi oferecido a Isabel e a Zacarias.

O anjo era o mesmo, como igual era o silêncio de espanto. As palavras não vinham da terra, mas surgiam do outro lado do mundo donde só «o anjo do Senhor» pode falar. E falou perturbando o mundo, no coração daquela donzela que procurava dentro de si o sentido de uma saudação singular. A promessa estava a cumprir-se e os raios de luz eram espécie de «fogo do Espírito» que enchiam Maria do dom definitivo e que dela faziam a «arca da aliança» derradeira. Não haveria outra doravante. O passado de pedra e de sumptuosidade passava definitivamente na leveza de uma voz divina que, entregando a paz, anunciava a encarnação do Verbo de Deus, respondendo às ânsias de todas as gerações. Não haveria uma espécie de meteorito cósmico para dar a volta ao

---

<sup>9</sup> Is. 7, 14.

mundo, nem se prepararia uma armada de valentes guerreiros; não cairia do céu uma chuva pesada de destruição que, a partir do sangue de uns, faria despontar uma humanidade nova; não seria por golpe de magia ou por trovão assustador que Deus mudaria o mundo depravado e infiel. Era ali, naquele diálogo de liberdade, naquela proposta interpessoal, na pureza de interrogações de uma donzela virgem aberta ao insondável que só o futuro esclareceria, na Boa Nova seráfica de Gabriel que recordava que o momento era de síntese das gerações e que o acontecimento também o seria. Seria ali que a nova aliança ficaria selada para sempre, sem descuido nem imposição, sem teimosia nem ignorância, mas na suavidade de um diálogo de Amor, na esperança do «Filho do Altíssimo», no desejo de um «trono espiritual», sem fingimento e de duração sem fim<sup>10</sup>.

Não haveria imposição divina, mas proposta a uma menina de eleição. No concreto de uma vida simples, rural e sem pretensões, a Trindade desejaria habitar, fazer resplandecer a «Sua Glória» na presença do Filho. O Espírito Santo estava de acordo e como «força do Altíssimo» estenderia sobre a menina a «sua sombra», para que houvesse *tenda* no deserto e para que a presença tão prometida fosse visível e palpável na «carne humana». Não se fez por capricho e no diálogo não há razões sem razão. Maria ajoelha, na humildade de uma «filha de Sião», o Espírito estende a «sua sombra» ouvindo o «*faça-se*» da nova criação e «o Verbo fez-se carne e habitou entre nós»<sup>11</sup>. O santuário estava em Nazaré.

### 3. Não ficaria cravado num lugar o Amor definitivo

«Pôs-se a caminho». Não veio para ser prisioneiro de Nazaré, nem de qualquer outro lugar, mas seria peregrino por todos os lugares do mundo, atravessaria regiões inimigas e implantar-se-ia em qualquer morada da humanidade. Sabe-o ou intuitivo a nova «arca da aliança». Dirigiu-se à pressa para a montanha, em direcção a uma cidade da Judeia<sup>12</sup>. Cruzou o território inimigo dos samaritanos e encontrou abrigo por onde passava, e cantou a «glória do Senhor» à sombra do Espírito e levou a arca sob a tenda por aquele deserto que esperava a paz e a liberdade. Tornou-se a «arca peregrina» e nunca mais parou, pois acreditou que «a Sua *misericórdia* se entende de geração em geração»<sup>13</sup>. «Estende-se» porque está entre nós e estende-se porque peregrina connosco. Estranho enlace nupcial, único no plano do Amor, o das «entranhas de uma virgem», a misericórdia visceral de uma mãe com Aquele

<sup>10</sup> Cf. Lc 1, 32-33.

<sup>11</sup> Cf. Jn 1, 14.

<sup>12</sup> Cf. Lc 1, 39.

<sup>13</sup> Lc 1, 50.

que é Deus conosco, «Emanuel», peregrinando sob o pátio ou a tenda do Espírito. União nupcial peregrina da Igreja, na Sua origem, com o Filho da Trindade, «prova inequívoca do Amor de Deus para o mundo». Uma «aliança definitiva» do Amor e da Misericórdia, inseparáveis desde o início, mas que não reclama a instalação num lugar qualquer paradisíaco. Passam, sobem e descem, correm velozes e sentam-se à espera, chamam, dialogam e convivem, sempre numa peregrinação de «fazer maravilhas» em favor de quem as espera, sempre cruzando com os humildes e transformando o pensamento dos poderosos, sempre fazendo compreender que a verdadeira riqueza é de «possuir um tesouro nos céus», sempre recordando a todo o servo, do antigo ou do novo Israel, a misericórdia prometida, trazendo-a, oferecendo-a, tornando a arca presente onde cada ser humano habita<sup>14</sup>.

*Pôs-se a caminho* a misericórdia, na primeira peregrinação concreta de «Deus entre os homens», entre o povo da Galileia, da Samaria e da Judeia. Transmitiu a lição da errância, para que se entendesse que o santuário não está fechado a sete chaves, mas abre-se para cada filho que lhe escancara o coração e lhe oferece hospedagem que transformará a sua forma de vida. A *misericórdia*, peregrina no santuário de Maria, é lembrança dos tempos antigos, como aconteceu com os «nossos pais», mas é também oferta estendida a todas as gerações. Não se guarda, nem se privatiza num santuário pela sua sumptuosidade ou pela sua riqueza; não tem horário de descanso, nem encerra para almoço ou para férias. Vai. Peregrina pela serra acima e pelo caminho abaixo. Vai. Em viagem a caminho de Jerusalém para que o Templo de pedra, construído por cansaço ao longo de mais de quarenta anos saiba para sempre que poderá ser destruído por qualquer ofensiva mais atrevida, mas que ninguém ousará derrubar o Novo Templo, edificado nos três dias da Páscoa e cuja misericórdia permanece eternamente. E todo aquele que se apercebe que é edificado na Páscoa, pelo artífice que com a sua sombra edificou Deus-Filho em Maria, saberá que, com ela, recebe o Amor / Misericórdia e que assim nasce de novo como arca de Deus nos caminhos do mundo. «Não te admires que te tenha dito: vós tendes de nascer do alto (...). Assim acontece com aquele que nasceu do Espírito»<sup>15</sup>.

#### 4. Cansar-se-á desde aquele dia inédito

A *misericórdia* espalhar-se-á por toda a terra e as pedras do caminho saltarão de júbilo à sua passagem. Embora à distância, a primeira tenda, Maria, surpreendida, entende que a Misericórdia se estende e agora nos passos autónomos do Filho que deu ao mundo. Uma tenda é sempre provisória e o que permanece

<sup>14</sup> Cf. Lc 1, 46-56.

<sup>15</sup> Cf. Jo. 3, 5-8.

é o divino; uma arca, por mais preciosa que seja, é transitória, e o que não se destrói é o tesouro do Céu que ela encerra.

Os passos do amor e da misericórdia vão pelo mundo, com os da arca da aliança. Deus peregrina no mundo e entra nos territórios menos favorecidos, mais inóspitos, mais perigosos, menos habituais, mais impuros e até considerados excluídos. Entra, segue, passa. O «santuário» é ambulante, é peregrino, passa pelo domicílio dos que ficam do lado de fora e alarga a *misericórdia* porque a prefere sempre aos limites rigorosos e aos rituais secos do sacrifício. Anda de caminho em caminho e de aldeia em aldeia. Sente a secura e a rigidez de um deserto dito inimigo e senta-se exausto na borda de um poço de tradição secular, quando se andava de terra em terra.

Sentada a Misericórdia, em santuário itinerante, ultrapassando os interditos de evitar território inimigo e de se aproximar de mulher estrangeira. Mas, a Misericórdia sai das entranhas de Deus que ama os mais pobres, que agradece o copo de água fresca dado em seu nome ao mais pequenino e que lê no coração. Senta-se e passa a escutar um diálogo que nunca, sem ela, teria tido oportunidade de acontecer. E a água dessedenta, e o poço é profundo, e o dom de Deus é ainda maior e quando a busca alcança profundidade atinge as entranhas da Misericórdia: «Sou eu que estou aqui a falar contigo»<sup>16</sup>. Não Deus no monte, onde os antepassados adoravam, não Deus em Jerusalém, onde vós dizeis adorar, mas Deus aqui, junto do poço, a falar contigo e a colocar a tua narrativa sincera e a tua história de mulher em poço de misericórdia e tu dás-me água porque o dom de Deus é teu também. Agora, adorá-Lo-ás em Espírito e em Verdade<sup>17</sup>. A misericórdia não precisa de ser esculpida no frontispício do monumento, mas precisa de «entranhas» de humanidade para que hoje percorra os lugares de cansaço dos seres humanos e as bermas secas e austeras de tanto caminhante carregado de perguntas e cansado de fardos iníquos impostos pelo poder sem santidade e sem sensatez.

E o santuário vai com *misericórdia*. Não pode levar o amor sem esta face carinhosa que o identifica. A multidão que o mendiga e procura aparece de todos os lados. Há encontros imprevistos e acontecimentos inesperados. A misericórdia faz maravilhas e estende-as a toda a terra.

Tendo entrado na cidade, ainda em território cauteloso, atravessava Jericó quando avistou ao longe um homem dos mais ricos, chefe dos cobradores de impos-

---

<sup>16</sup> Cf. Jo, 4-26.

<sup>17</sup> Cf. *Ibidem*, 19-24.

tos, desconfiado de todos e olhado de forma brava porque apoiava o invasor. Rico e pequeno, mas desejoso de ver aquela forma nova e diferente de passear entre a gente, de falar de novidade e de rasgar o coração anestesiado pela misericórdia. De forma nenhuma queria ser visto ou apontado, mas desejava ver e talvez «subir»; não que não tivesse um bom posto, mas talvez a poeira torvava-lhe o olhar que desejava mais límpido. Dormia na sua pequenez uma grandeza, de outro tipo e de outro lado. Subiu logo, para descer depois; correu à frente para regressar atrás, empoleirou-se para se desinstalar. E o santuário da misericórdia passou para o contemplar, para medir o excesso do seu desejo e talvez para lhe propor que fosse peregrino doravante. Encontro inesperado de um grau elevado; caminho percorrido, cheio de surpresas; salto para cima, desenvolvendo um movimento interior imparável. O anjo que falou foram «os olhos» que Jesus levantou ao passar naquela sombra preparada pelo Espírito: «Desce depressa, pois hoje tenho de ficar em tua casa»<sup>18</sup>. É a voz da misericórdia venceu, atingiu o coração, desenvolveu o movimento em dois sentidos, o de *descer* às coisas para as fazer voar num destino diferente e o de *entrar em casa* para fazer dela, ao longo do tempo, um outro santuário de misericórdia. Hospedou-se a misericórdia em casa de um pecador<sup>19</sup>, porque foi para isso que Ela desceu ao mundo. E o acontecimento é murmurado, porque produz efeito. Aquela «casa rica» vai ser lugar de distribuição de pão; aquele armazém de coisas alheias vai ser lugar de restituição ao quádruplo; e aquele rico, dando metade dos bens aos mais pobres, não vai ficar mais pobre, mas adquirir o tesouro de Deus, o nome inscrito no Céu. É, então, aquela casa um santuário de misericórdia: «O que recebeste gratuitamente, dai gratuitamente». A voz daquele que caminha garante que «a salvação chegou a esta casa...», pois a Misericórdia entrou em território inimigo, derrubou muros de separação, fez daquela casa em Jericó, do lado do poder estabelecido, uma morada transformada, talvez a «casa» de um seguidor e, por isso, mais uma tenda de reunião com Deus, uma presença da sua misericórdia.

A misericórdia não tem pátria, mas passa por todas as pátrias; a misericórdia não tem «casa» mas está em todas aquelas que ouvem a voz e deixam «entrar a salvação»:

## 5. Exausta, mas não esgotada, está sempre à espera

Recebem-na ou afastam-se dela, mas a Misericórdia vai, passa por todos e vem para todos; não exclui ninguém e não julga previamente, fechando possibilidades. Fala a todas as categorias da sociedade e pára sobretudo junto dos que

---

<sup>18</sup> Cf. Lc19,5.

<sup>19</sup> Cf. Lc 19,7 ess.

têm uma fama defraudada. É sempre para os mais pobres, desfavorecidos no dizer do povo e até maltratados por se terem como mestres da Lei que impõem e não são capazes de cumprir; comprem o ofício, mas afastam-se do que exigem aos outros. A Misericórdia pára, sempre que a convidam para ficar. O efeito pode não ser o previsto e, no fim, mudou de rumo quem já estava convertido e quem trazia no coração esse desejo inexprimível.

Foi à «casa de um fariseu» que teve a amabilidade esperta de a convidar. «Também entra em minha casa, dizia», ou «se não entra, é como nós, bem fala, mas não faz». E a Misericórdia entrou. E o fariseu teve de receber uma «convidada» imposta, inesperada, conhecida de toda a cidade e também dele fariseu, já que terá dito «se fosse profeta, saberia quem é»<sup>20</sup>. E depois, segundo a narrativa, todos viram a cena do pós-sepulcro, o resultado de uma Páscoa antecipada: chorar, banhar com lágrimas, beijar de saudade os pés santos e unguir com perfume de Ressurreição. A Misericórdia estava ali e a Páscoa pré-anunciada. Naquele dia, a voz falou de novo; não para tirar razões nem para dirimir contendas, nem sequer para provocar mal-estar. A voz falou para narrar um acontecimento de misericórdia: abrem-se as entranhas de uma pecadora reconhecida e dela exala o perfume novo da ressurreição e, ao mesmo tempo, está aberto para quem murmura. Só experimenta a misericórdia quem muito ama, quem escuta sentado aos pés, quem chora a agonia do inocente, quem enxuga o sangue derramado e quem se apressa a receber do túmulo o perfume novo da Ressurreição, derramando-o sobre o condenado. E a voz prossegue: os teus pecados são-te perdoados. A Páscoa acontece em ti. A tua fé salvou-te. Vai em Paz.<sup>21</sup>

Haverá sempre quem murmura até ao fim. E a misericórdia nunca desfalecerá, jamais deixará de ser aquela faceta inalterável do amor de mãe que tudo fará pelo bebé que rasgou as suas entranhas. Hão-de atormentá-la ao longo de um lajedo sinuoso que sobe para o lugar alto da cidade. O santuário não está mais na esplanada onde se marcam, com golpes no peito, as feridas das infidelidades redimidas. Caminha para o final de um percurso de dádiva e, pelo caminho, vai lembrando a muitos uma identidade nova que lhes foi dada: «Filhas, não choreis por mim»<sup>22</sup>. E quando chega ao lugar do calvário, antes que lhe rasguem fisicamente o peito, abri-lo-á voluntariamente pronunciando as palavras da aliança definitiva da misericórdia: «Perdoa-lhes, Pai, porque não

---

<sup>20</sup> Cf. Lc 7, 39.

<sup>21</sup> Cf. Lc 7, 48-50.

<sup>22</sup> Cf. Lc 23, 28.

sabem o que fazem»<sup>23</sup>. Ali fica, de entranhas abertas e de coração oferecido. A «porta santa» abriu-se definitivamente e, para que não fosse apenas um adágio bonito de última hora ou a frase feita da universalidade, eis que a voz da misericórdia concretiza de imediato a aliança selada, ali ao lado com um dos excluídos por culpa própria, com um dos evitados porque sem seriedade, com um dos condenados por ladroíce: «Hoje, estarás comigo no Paraíso».<sup>24</sup>

Começou a Páscoa da Misericórdia. O seu santuário anda no meio do mundo, com tantos nomes e sob tantas invocações. Cada ser humano, nascido da Páscoa, tem esta marca de qualidade: falando ou fazendo, calando ou orando, amando ou perdoando, socorrendo ou partilhando, integrando ou saudando na paz, vai-se construindo como templo novo que abre Deus para o mundo. E fazendo esta descoberta da misericórdia como realidade pascal, o mundo regressará a Deus. Haverá muitos «filhos» que esbanjam o que ainda não é seu, mas a Misericórdia estará sempre à espreita na varanda. É ela que faz a gente ser gente; é ela que faz a gente ser santa.

Lembre-se o gesto divino do saudoso Papa João Paulo II, rasgando o coração misericordioso junto de quem lhe premeditou a morte. Então o santuário de Deus entrou na prisão. Lembre-se, em forma de conclusão, a narrativa de misericórdia acontecida em Lourdes em 1958:

«C'était en 1944, dans un village français: Autour de quelques verres, on discutait ferme du départ des troupes d'occupation et de la libération intervenue la veille. Dans le feu de la conversation, quelqu'un parle d'un de ses camarades d'enfance: "Si le maquis savait ce qu'il a fait pendant la guerre, on ne le laisserait pas tranquille chez lui". Le bruit circule. Quelques jours après on arrête cet homme. Le tribunal convoque celui dont la parole malheureuse a provoqué l'arrestation. Celui-ci, intimidé, affolé, n'ose pas avouer qu'il a parlé en l'air. Il invente deux ou trois bobards assez énormes puisque le prévenu en prend pour vingt ans.

Le condamné sombre alors dans le désespoir. À sa femme qui vient le voir de temps en temps, il demande qu'elle ne lui parle ni de Dieu, ni de religion. Quelques années après, leur fils unique est tué en Indochine. Et voici que sa femme meurt à son tour, emportée par la maladie et le chagrin.

En 1957, il bénéficie d'une réduction de peine. Il retrouve sa maison fermée depuis des mois. Or, sa femme lui a laissé une lettre. Il l'ouvre.

---

<sup>23</sup> Cf. Lc 23, 34.

<sup>24</sup> Cf. Lc 23, 43.

“Je sais, lui dit-elle, qu’il ne faut plus te parler du Bon Dieu. Mais je te demande, par amour pour moi, de revenir à Lourdes, comme nous le faisons chaque année”.

En 1958, l’année du centenaire, il se décide. Arrivé à Lourdes, il entre dans le domaine de la Grotte. Au moment où il passe devant la fontaine, une jeune fille lui tend un gobelet. Il la dévisage, s’étonne, et boit. Le voici devant la Grotte. Un prêtre prêche. Il prêche sur le Notre Père. Lorsque l’étrange pèlerin entend la phrase: “Pardonne-nous comme nous pardonnons”, son sang ne fait qu’un tour. A grands pas il quitte la Grotte. Il est midi.

Après midi, pour tuer le temps, il revient visiter la nouvelle basilique Saint Pie X qui vient d’être achevée. Le cœur torturé, il s’appuie un moment, le dos contre une des balustrades qui bordent les rampes d’accès. Un prêtre le remarque: “Monsieur, vous avez l’air préoccupé. Que puis-je faire pour vous?” Quelque chose l’empêche de refuser ce dialogue. Son cœur est trop gonflé. Il raconte. Et de conclure: “Vous comprenez bien qu’il m’est impossible de pardonner. Ma venue à Lourdes n’est qu’un simulacre. Ce n’est pas cela que ma femme aurait souhaité”. Après un long silence, le prêtre lui dit simplement: “Promettez-moi, pour votre femme, de revenir à la Grotte avant de reprendre le train.” Il promet.»

Dès qu’il se trouve à la Grotte, on l’aborde à nouveau. Quelle surprise, c’est la jeune fille qui, ce matin, lui tendait son gobelet. «Monsieur, vous avez l’air plus paisible. – Mademoiselle, pourquoi ce gobelet ce matin? – Je vous ai vu tellement torturé. J’ai dit à la Vierge: «oublie pourquoi je suis venue; j’offre ce pèlerinage pour cet homme!» Je vais d’ailleurs vous dire pourquoi j’étais à Lourdes. Mon père est en train de mourir. Ce n’est pas sa guérison que je demande. Mais il meurt avec un remords terrible, celui d’avoir fait injustement condamner à vingt ans de prison un de ses amis d’enfance. – Le condamné, c’est moi».

La jeune fille prend peur, veut s’enfuir. Il la retient. »Ne m’abandonne pas. Je ne puis encore le dire moi-même, mais tu vas réciter le Notre Père, jusqu’au bout, de ma part.

Et maintenant, allons ensemble, je veux essayer de dire mon pardon à ton père».<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> Recolhida na Igreja de S. João Baptista de Sallespisse (Orthez, França), em 15.08.2007.

## **Sugestão bibliográfica**

- BENTO XVI – *Sacramento da Caridade*. Lisboa: Paulinas, 2007.
- COMISSÃO TEOL-HIST. ANO 2000 – *Deus Pai de Misericórdia*. Lisboa: Paulinas, 1998.
- CONGREGAÇÃO CLERO – *Directório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros*. Lisboa: Rei dos Livros, 1994.
- *O Presbítero: Mestre da Palavra, Ministro dos Sacramentos e Guia da Comunidade, em vista do Terceiro Milénio*. Lisboa: Paulinas, 1999.
- JOÃO PAULO II – *Dives in Misericordia*. Braga: A.O., 1986
- *O Sacramento da Penitência*. Lisboa: Paulinas, 1997.
- RAHNER, Karl – *Homélies et Méditations*. Paris: Salvator, 2005.
- TASSIN, Claude et alt. – *Les Evangiles: Textes et Commentaires*. Paris: Bayard, 2001.
- VIVARÈS, Patrice – «Le Pardon, chemin de l’amour redonné». In *Fraternité Saint Jean-Baptiste*. 126 (2006), 6-9.